



“MANIÇOBA SEM AQUILO!”: UM ESTUDO DE NOVAS PRÁTICAS ALIMENTARES ENTRE OS JOVENS *STRAIGHT EDGES* DE BELÉM DO PARÁ

Deylane Corrêa Pantoja Baía

Universidade Federal do Pará- UFPA

deylanebaia@yahoo.com.br

A idéia *Straight Edge* surge nos anos 1980, na cidade de Washington - Estados Unidos, com a banda *Teen Idles*. Na tradução literal, *Straight Edge* significa borda reta e é entendida no sentido de uma postura reta diante da vida. Atualmente, com variadas mudanças, a idéia *Straight Edge*, doravante denominada SxE¹, assume um novo papel no cenário *underground* mundial, com o lema *Poison Free* - na tradução, livre de venenos. Uma referência emblemática à postura dos seus adeptos que abdicam totalmente, ou devem abdicar, de substâncias indutoras de alteração de estados mentais como o álcool, o cigarro, as drogas sintéticas - prática comum entre os *Punks* dos anos 1980, e em alguns casos, bebidas cafeinadas e medicamentos alopáticos que alterem o nível neurológico; a maioria adere ao vegetarianismo ou veganismo² como opção alimentar.

Chega ao Brasil no início dos anos 1990, e em Belém, no final da mesma década. A cidade de São Paulo é sempre referenciada como a cidade brasileira que

¹ A letra X está diretamente ligada ao início da articulação *Straight Edge* e começou a ser usado em alguns bares dos Estados Unidos na década de 1980. Com intuito de identificar quem seria menor de 18 anos, os proprietários os marcavam com um X em uma das mãos e, desse modo, esses jovens não poderiam consumir bebidas alcoólicas. Aos poucos, outras pessoas se solidarizaram com este público e o X passou ser um símbolo da idéia. Atualmente, os SxE colocam no início e no fim de seus nomes, a letra X, que também pode ser encontrada nas tatuagens, em adesivos, camisetas, enfim, a maioria dos produtos direcionados a esse público contém a letra.

² Segundo Singer (2004), o termo *vegano* deriva de um “*fait accompli*” lingüístico do termo vegetariano. Os que não consomem ovos, leite e nem alimentos feitos com leite denominam-se *Vegans*.



concentra o maior número de adeptos. No entanto, desde o seu surgimento, a idéia sofreu muitas influências. Para realizar a pesquisa³, considerei um número de interlocutores que estivessem na faixa dos 16 aos 30 anos e ao todo nove pessoas foram entrevistadas, sendo 8 homens e 1 mulher - tal divisão se deu proporcionalmente à quantidade de SxE em Belém e ao número de significativo de jovens do sexo masculino que autodenominam como tais.

O grupo foi observado em seus espaços de lazer, em casa, bem como em espaços voltados para seus interesses - como universidade, estúdios de gravação, etc. Pretendeu-se descrever aspectos do cotidiano, como os lugares que freqüentam, quais os alimentos ingeridos nesses espaços, difusão ou não da idéia SxE entre pessoas próximas a eles ou não. No contexto familiar também se procurou evidenciar de que forma se alimentam, a aceitação ou não por parte da família e o custeamento das despesas na alimentação do SxE. Além disso, foram realizadas incursões pela *internet* através de *sites* de relacionamento como o *Orkut* - onde foram observados aspectos de comportamento dos SxE com relação à imagem na rede; bem como coleta e análise de materiais de divulgação da idéia; participação em eventos promovidos por eles como as *Verduradas*; shows com bandas *Punk/ Hard Core* e compilação dos *Zines* divulgados até então.

As conversas foram direcionadas considerando as características principais da idéia, com vistas a identificar os pontos consonantes e dissonantes entre os próprios interlocutores. As entrevistas foram feitas a partir das seguintes questões: primeiro, utilizando perguntas relativas à vida pessoal de cada interlocutor - nome, idade, o que faz, onde mora e com quem, há quanto tempo é SxE, se já usou algum tipo de droga e quais foram, há quanto tempo é vegetariano, se tem acesso à *internet* e se fala inglês. Em seguida, foram feitas perguntas relativas à alimentação - o que costuma comer, quem compra os produtos, que lugares freqüentam para comer, o que a família pensa, como faz a seleção de produtos, onde busca informações e receitas, entre outras. E por

³ Este trabalho é resultado da pesquisa realizada no biênio 2007/2008 para a monografia de conclusão do curso de graduação de Ciências Sociais com ênfase em Antropologia, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Maria Angelica da Motta-Maués.



último, perguntas relativas à prática política do SxE e até que ponto se acredita numa transformação social a partir de das escolhas individuais.

Atualmente, adeptos da idéia podem trocar informações adeptos de todo o mundo e por isso considere importante essa nova configuração no mundo comunicacional. Tal característica é por si só, diferenciadora dos contextos da década de 1960, 70 e 80, onde as formas de difusão do ideário contracultural poderiam, em certa medida, ser mais restritas a contextos locais. Reconhecer um SxE na cena *Punk/Hardcore* só é possível a partir de sua auto-afirmação enquanto, pois de primeira vista um adepto da idéia pouco se diferencia de outros apreciadores da *cena*⁴.

“Tu vais falar sobre comida, é?”

Para falarmos das mudanças na alimentação do homem contemporâneo, temos que considerar o conceito de cultura alimentar. A cultura alimentar define um jeito de se comer, aquilo que é ingerido e quem o ingere. Assim, o estabelecimento das preferências alimentares se define como elementos sócio-culturais diferentes das percepções nutricionais e econômicas. Vivemos num sistema cultural composto por símbolos e significados, e o modo como nos alimentamos está imerso nesse sistema. Dentro de cada cultura alimentar, coexiste os velhos e os novos hábitos, além disso, as identidades são também definidoras das práticas alimentares. Braga (2004). A comensalidade, nesse sentido, se caracteriza pela prática de comer em grupo partilhando alimentos e pela socialização das informações em torno da comida de cada sociedade. Como observa Carneiro (2005), essa prática de partilhar a comida, mesmo que desigualmente, é tão antiga quanto a espécie humana; ela vai ajudar a organizar as regras de identidade e também de hierarquia dentro de uma sociedade, servindo, ao mesmo tempo, para manter as relações sociais e para impor os limites e fronteiras, sejam elas de cunho social, político ou religioso.

⁴ *Cena* aqui diz respeito ao cenário musical do *Punk/Hard Core* de determinado local. A *cena* de Belém sempre é alvo de discussões entre os membros, pois há quem diga que em Belém não existe uma *cena* solidificada.



O autor disserta sobre um costume alimentar que revela características de determinada sociedade, tanto nos seus aspectos produtivos e reprodutivos - com relação aos gêneros alimentícios - quanto na natureza de suas representações políticas, religiosas e estéticas. É Geertz (1979) quem define a cultura como um sistema simbólico dotado de mecanismos de controle, receitas, regras e instruções que vão governar nosso comportamento, inclusive no concernente ao que comemos, poderíamos acrescentar. De mesmo modo, Douglas (1976) acredita que as relações sociais e a interpretação simbólica do mundo impõem à produção suas características. As representações sociais em torno de um mesmo alimento podem variar a partir de cada grupo social. Entendendo a alimentação como algo que também está sob influência de construções simbólicas, todos esses símbolos e significados podem ser assim entendidos como um sistema de comunicação - que é, num certo sentido, ele próprio uma construção simbólica- que diz muito da sociedade em questão. Além disso, as regras que constituem esse sistema simbólico vão atuar como uma formulação arbitrária sobre o comportamento humano.

O conceito de espaço social alimentar estabelecido por Poulain (2003) define uma zona de liberdade que relaciona o biológico e o cultural, e que também permite que “comedores” de uma mesma sociedade tenham práticas alimentares diferenciadas, bem como a multiplicidade entre as diferentes culturas. E a essa zona de liberdade dada os “comedores”, teríamos como condicionantes, uma dupla série: de um lado, o estatuto de onívoro relativamente flexível - no caso de um condicionante biológico e fisiológico - que permite ao homem deixar de ingerir proteína animal, por exemplo; de outro lado, o condicionante ecológico, que no caso das sociedades industrializadas, está diretamente ligado aos padrões de produção e consumo de alimentos. No caso dos SxE que observei em Belém, esse espaço geralmente tem que ser ocupado apenas por eles, na medida em que a família continua com os velhos hábitos. Exceto nos casos em que algumas mães ou empregadas domésticas concordam em fazer a comida vegetariana. Isto se dá pela



atitude do SxE em mostrar receitas na *internet* - no caso de xGeorgex⁵, ele próprio tomou a atitude de mostrar para a sua mãe as receitas.

A relação existente entre cultura alimentar e os significados da alimentação na tradução da identidade de um determinado grupo social, dos símbolos e significados que vão compor a cultura desse grupo, também terão amplo alcance nas ocorrências alimentares de um comensal. Nesse sentido, como sabemos alimentar-se não é puramente uma necessidade fisiológica como às vezes se acredita, tão pouco está limitada aos aspectos econômicos. Não pretendo aqui “desconstruir” nenhum argumento que se apóie em um desses aspectos, e sim, enfatizar que existem outras nuances a serem consideradas. As identidades também podem definir as escolhas alimentares, como é o caso dos SxE. As idéias que compõem o termo SxE, são seguidas pelos seus adeptos no intuito de serem reconhecidos enquanto tais, no meio *Punk / Hard Core*.

Na escolha alimentar dos SxE, o que vai definir aquilo que se come vem de um “pensar na comida” que os remete a campos diferenciados, como o econômico, o ambiental, o ético, o filosófico e o político. As mudanças na alimentação ocorrem dependendo do contexto cultural de dada sociedade e das posições mais individuais em obedecer ou não as regras impostas pela cultura. A mesma juventude que consome os símbolos da globalização através da comida, no caso dos *fast-foods*, pode se opor a esse padrão e passar a modificar sua prática, como fazem os SxE. No imaginário da juventude das camadas médias, pode ser mais “moderno” o jovem que consome esses produtos, mas identificam-se também outras posturas, como os SxE, que são contra a

⁵ Procurei preservar as identidades dos interlocutores, optando por utilizar nomes que remetem a vegetarianos famosos e representativos de várias áreas. Assim, entre os pseudônimos utilizados estão George Bernard Shaw (escritor), Paul McCartney (músico), Franz Kafka (escritor), Leon Tolstoi (escritor), Émile Zola (escritor), Albert Einstein (físico); utilizei apenas o primeiro nome, com o X como prefixo e sufixo, identificando, desse modo, na escrita, como fazem eles, que se trata de um *Straight Edge*.



disseminação das grandes cadeias, participando de protestos e boicotes contra a empresa *Mc Donald's* em Belém.

Os alimentos vão se adaptar às diferentes formas de vida (com suas atividades, momentos, etc.) onde é possível falarmos de uma “polissemia da comida”. Em algumas sociedades, como a norte-americana, a carne vai ter um valor tão significativo a ponto de uma refeição não ser considerada refeição se não tiver a sua presença. É verdade que mudanças ocasionadas pela modernização transformaram o modo de alimentar-se dos indivíduos que habitam os grandes centros urbanos e que vivemos a época das “velocidades”, de forma que as comidas também tomaram esse corpo, principalmente com a multiplicação dos restaurantes *fast-foods* em todo o mundo. Nesse sentido, é bom lembrar que “(...) o modo alimentar de uma época e consoante com suas outras dimensões sociais e com a identidade dos seus indivíduos”. (Rial, 1996, p.103).

É importante destacar que o vegetarianismo dentro do *Punk / Hard Core* foi incorporado como discussão social, porém são poucos os que se aventuram, ou podem se aventurar nesta empreitada. Pude observar também, que entre os SxE não há uma preocupação com o balanceamento da dieta, em geral eles não consomem vegetais frescos. A soja está entre os produtos mais consumidos. O objetivo então passa a ser a substituição da proteína animal pela proteína vegetal, o importante é não comer carne ou algo que derive dela.

Nascimento (2007) nos lembra que o aumento do vegetarianismo no mundo se deve à questão do respeito aos seres vivos; a certa descrença na proteína animal, ao fato de a carne ter menos fibras do que antes se acreditava; à idéia de a fisiologia humana ser inapropriada para digerir proteína animal, e ainda, por razões ecológicas, econômicas, religiosas e filosóficas. Segundo a autora, apesar de não haver dados estatísticos de pesquisas que revelem o número de adeptos no mundo, há indícios de que o aumento de restaurantes, da oferta de produtos vegetarianos, de informação - com publicações, reportagens ou mesmo de discussões na *internet*, tenha contribuído para uma mudança de mentalidade com relação ao consumo de produtos derivados de animais, particularmente, com relação às chamadas carnes vermelhas e brancas.



Em um encontro com xLeonx, conversamos sobre sua visível perda de peso justificada pelo fato do mesmo ter se tornado vegano, o que em alguma medida, dificultava a ingestão de alimentos em muitos espaços. Ele agora estava estagiando pela manhã e muitas vezes não tinha tempo para almoçar em casa; quando chegava à universidade, a única coisa que lhe restava era uma *tapiquinha com côco e um suco*. Seu amigo xFranzx me disse que só come com açaí, *sem açúcar e com farinha!*. Na ocasião, ele se mostrou um tanto indignado com aqueles que tomavam açaí com açúcar e farinha de tapioca depois da refeição principal. Para xFranzx, o açaí é ele próprio, *a refeição*.

Certa vez, por ocasião de uma reunião na casa de um SxE, foi servida uma maniçoba⁶ vegetariana, um estrogonofe⁷ vegetariano, uma pizza vegetariana, além de um feijão sem charque e *bacon*. O anfitrião, que aqui chamarei de xÉmilex, foi encarregado de providenciar as “carnes”, os temperos e o queijo. Em companhia de um pizzaiolo vegano, xÉmilex solicitou minha ajuda para ir até um supermercado específico, onde encontraria as tais “carnes”. Ao chegarmos ao local, encontramos na sessão *light* os enlatados de soja que seriam utilizados: duas latas pequenas de salsicha de soja e duas latas de carne simples de soja, além disso, foram comprados cheiro-verde, chicória e cebola. O queijo *provolone* daria o toque final do defumado. Mesmo os SxE sendo, em sua maioria, contra as religiões, encaram a maniçoba como um prato que diz muito da identidade paraense e não parecem querer se afastar de sua

⁶ A maniçoba é um prato típico da culinária paraense que é servido tradicionalmente (mas não somente) no segundo domingo de outubro, por ocasião do Círio de Nazaré, uma grande procissão da igreja católica pelas ruas da cidade. O principal ingrediente é a folha da mandioca que é fervida por sete dias, ininterruptamente, até sua mistura com defumados de porco e boi. Ver também, ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval Devoto**: Um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém. Petrópolis: Editora Vozes, 1980. 110 p.

⁷ Estrogonofe (em russo строганов, *stroganov*) é um prato da culinária Rússia que ganhou popularidade no Brasil, em países europeus e norte-americanos. Os ingredientes que compõem o prato são: carne bovina em cubos e creme de leite para fazer o molho. Desde suas origens no século XIX, as receitas variam de acordo com a preferência dos comensais, como é o caso dos vegetarianos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrogonofe>

“regionalidade”. Assim, os elementos que compõe a culinária paraense também irão entrar na dieta vegetariana dos SxE.

Em entrevista, um dos interlocutores falava-me de aspectos que lhe influenciaram no início de sua dieta vegetariana:

XLeonX, 19 anos - *Sou vegetariano há três anos e tal...também no início e tal...foi muito escroto porque eu morava num restaurante....*

Deylane- (Risos) Tu moravas num restaurante?

XLeonX, 19 anos - *Aí a minha mãe e tal... fazia as comidas e passava praticamente esfregando na minha cara...aí muitas das vezes eu ia almoçar isolado...eu ia almoçar só depois que terminava tudo, justamente pra mim não sentir vontade. Foi um processo que...acho que...horível porque tinha aquela coisa que tu gostava... que ficava ali te provocando todo tempo, tinha que ter uma resistência muito grande (...) quando eu via a carne, na minha cabeça eu pensava, aquilo é um animal morto, podre...tá apodrecendo mais ainda...disfarçado...e acabou que...eu acabei criando uma aversão tão forte...que aquele cheiro já me traz enjôo.*

Ao torna-se vegetariano, o SxE retira a carne da sua alimentação. Eles me diziam: *eu como de tudo, menos carne*. E observando a sua dieta alimentar percebi que a maioria deles não se preocupa com uma alimentação supostamente “equilibrada”- com todos os grupos de alimentos. Nesse cenário, a soja ocupa o lugar principal. Por vezes comi com eles, e entre os alimentos mais consumidos, estavam: a soja - em suas mais variadas formas, texturizada, em grãos, em salsichas, em conserva e em extrato; macarrão, palmito, ervilhas, azeitonas, queijos, refrigerantes, açaí, pães, pastéis, coxinhas, etc. Basicamente, alguns desses produtos eram usados para fazer pratos que antes eram feitos com carne. Nesse caso, o que muda são as formas de prepará-los, isto é, o tempero, se é cozido, assado, frito, com molho, com queijos ou legumes.

As juventudes de ontem e de hoje: para onde foi a “Contracultura”?



Para compreendermos o contexto no qual estão inseridos os *Straight Edges* atualmente, precisamos nos reportar, pelo menos, aos primeiros acordes das subculturas juvenis do século XX. Alguns autores acreditam que foi esse o marco transitório de uma sociedade moderna para uma sociedade, muitas vezes chamada pós-moderna ou contemporânea. As transformações ocorridas no campo econômico tiveram amplo alcance na política, na ciência, nas artes, na arquitetura, na tecnologia e no social. A partir dessa nova configuração mundial, já no pós-guerra, a juventude que viveu essas primeiras transformações, sentia a necessidade de buscar saídas para as conseqüências que tais mudanças causaram na vida de cada um, sobretudo nos jovens das classes mais baixas. (Santos, 1986, Featherstone 1995).

A formação de uma contracultura tem como base a negação daquilo que foi trazido com a nova ordem tecnocrática e a tentativa de formular novas possibilidades de vivências, sobretudo, divergentes dos valores mantidos por aquela sociedade - as novas posturas saem do campo individual e passam para o campo do coletivo. No Brasil, a contracultura teve início na segunda década dos anos de 1960 “colocando em debate as questões do uso de drogas, a psicanálise, o *rock*, os circuitos alternativos, jornais *undergrounds*, discos piratas, etc.” (César, 1993, p. 125). E conforme Abramo (1994), também caminhavam para uma subversão da ordem e invenção de novas formas de ordenamento.

A partir daí, mas já nos anos 1980-90, no pós-guerra fria, começam a surgir derivações da contracultura, como o movimento chamado de Cultura Alternativa. O aparecimento do *Punk* na Inglaterra, data dos anos de 1976-77 e é ao mesmo tempo, boêmio e pertencente à classe trabalhadora. No documentário “Botinada: a origem do *Punk* no Brasil”⁸, o surgimento do *Punk* no país data da segunda metade da década de 1970, até meados dos anos 1980. No vídeo, há depoimentos dos primeiros *punks* brasileiros, que vivenciaram toda essa primeira fase, em plena ditadura militar.

⁸ *Botinada: a origem do punk no Brasil* é um documentário a respeito da história do movimento punk no Brasil, produzido por Gastão Moreira. Foi lançado pela ST2, em 2006.



As grandes cidades, assim, são palco para as novas maneiras de ser da juventude. Como nos mostra Magnani (2002):

A presença de migrantes, visitantes, moradores temporários e de minorias; de segmentos diferenciados com relação à orientação sexual, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças; de grupos articulados em torno de oposições políticas e estratégias de ação contestatórias ou propositivas e de segmentos marcados pela exclusão – toda essa diversidade leva a pensar não a fragmentação de um multiculturalismo atomizado, mas na possibilidade de sistemas de trocas de outra escala, com parceiros até então impensáveis, permitindo arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes. (p.16)

Nos anos 1980, o cenário parece marcado por uma grande fragmentação, relacionada com a idéia de que o “sonho” tinha acabado, “percebe-se então a partir daí, a formação de tribos (como bandos, estilos, sub-culturas) geralmente ligadas a determinados estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento” (Abramo, 1994, p.80). Tal período parece condensar o que de mais significativo a sociedade contemporânea tinha a revelar.

“E tem *Straight Edge* em Belém?”

Quando perguntados se o SxE era fruto da contracultura, alguns interlocutores responderam que, hoje em dia, é tudo muito diferente. Antes, muitas das discussões não existiam, as músicas eram mais simples e havia preocupação apenas com o som agressivo e com a letra política, mas segundo xFranzx, não eram tão politizadas se comparadas com as que existem hoje. Pode-se dizer que o *punk / hard core*, segundo meus interlocutores, passou por um processo evolutivo.

No que diz respeito à identificação dos apreciadores desse tipo de música, não se pode estabelecer um padrão. Certa vez, um SxE me disse que entre eles não existia isso,



cada um se vestia do jeito que bem entendia. Podemos destacar as tatuagens, o *piercing* e os alargadores de orelhas, que foram bem mais recorrentes tanto nos meninos quanto nas meninas. Por vezes, foi possível identificar seus cortes de cabelos que diferem dos mais formais (por exemplo: moicanos, franjas, cortes irregulares, cores mais chamativas). É claro que isso não é uma regra dentro do grupo, podendo ser ou não utilizado por cada um.

Pude observar também uma série de elementos que são dispostos no discurso dos adeptos. Entre eles o feminismo, o anarquismo, o anti-racismo, além da existência de discursos contra as religiões, o capitalismo, o sexismo, a homofobia e o consumo. Nesse sentido, os *Straight Edges* não se identificam com uma visão de mundo particular nos pontos de vista social e político. Pode-se até dizer que eles não tem um objetivo ou uma causa coletiva, talvez o objetivo seja a difusão da idéia através das diversas linguagens: a música, os símbolos, as palavras de efeito⁹, os *zines* e as imagens.

Ainda assim, a idéia SxE não pode ser encarada como um movimento, pois não atua congregando seus adeptos. Em Belém, por mais que eles participem de ações em grupo, é mais recorrente observar a ação de um SxE mais individualizado. Para os SxE a idéia *não tem uma unidade, um objetivo comum...idéias comuns...eu acho que a questão do individualismo no Straight Edge é algo muito importante que...pro Straight Edge é algo muito pessoal dele*, me dizia xLeonx. Permite que cada um adapte a idéia às suas experiências e posicionamentos individuais.

De forma geral, o mote da idéia é a dissociação do *hard core* da autodestruição vista no *punk*, através da drogas. Segundo eles, ser rebelde, ou mesmo ser *punk* não exige que as pessoas saiam por aí se drogando. A idéia é que todos se sintam bem, que possam fazer suas escolhas, usando drogas ou não, e isso de modo algum é uma prerrogativa do “ser rebelde”. Assim, a idéia abrange também diversos matizes do ser jovem na atualidade.

⁹ Na pesquisa foi observado o uso de palavras como *Mosh* - na tradução, pular em meio a uma multidão, principalmente nos shows ao vivo das bandas de *Punk/ Hardcore*, *Poison Free* - livre de venenos - utilizada em imagens ou produtos vendidos na *internet*.



Sobre isso, xLeonx me dizia:

Já vem de uma idéia de ser diferente dessas concepções de mundo e ser tratado um pouco diferente, o que às vezes fica chato, quando na verdade a gente é igual a todo mundo e trata todo mundo como igual, a gente não seleciona os nossos amigos...eu sou vou falar com gente que não bebe, com gente que não fuma ou então só gente que é Straight Edge...eu nunca fiz isso...até porque Straight Edge é, pra mim, uma concepção de liberdade...então, se eu tenho a minha liberdade, eu tenho que respeitar primeiramente a dos outros...e pra mim cara, tanto faz tu tá numa roda de amigos só Straight Edge ou tá numa roda com os amigos que bebem e fumam...pra mim eles não vão me incomodar porque eu sou contra as drogas e não contra as pessoas que tão usando elas e tal.

A maioria dos interlocutores mora com seus familiares (pai, mãe, irmãos, etc.), apenas xAlbertx mora sozinho e é responsável pelo seu sustento. Entre o grupo estão ovo-lacto-vegetarianos, lacto-vegetarianos e veganos, não houve registro de dietas como o crudivorismo, por exemplo. O que define, em grande medida, as escolhas e grau de restrição de suas ocorrências alimentares em casa e na rua. Alguns já fizeram uso de drogas como cigarro, bebidas alcoólicas, maconha, cocaína, mas foi bem mais recorrente encontrar SxE que nunca tiveram contato com tais substâncias.

De um modo geral, todos conheceram a idéia antes de se tornarem adeptos, com exceção de xÉmilex, que primeiro se tornou vegetariano para depois se autodeclarar SxE. A maioria se define como *classe média* com apenas uma exceção, xFranzx, que disse ser de *classe baixa*. Vale destacar também, que todos os entrevistados falam ou compreendem bem o inglês. O tempo que cada um é SxE varia, há quem tenha aderido a idéia há 8 anos, 4 anos, 1 ano e meio, 3 meses, etc. Cada um dos interlocutores tem suas atividades diárias: estudam, trabalham, ensaiam em alguma banda, etc.

Segundo xFranzx, o vegetarianismo tem avançado em todo o mundo, ele consegue perceber isso na sua família, na universidade e no Brasil. Antes o tema era visto com muita desconfiança pelas pessoas, mas hoje existe uma abertura maior para a discussão, segundo ele. Apesar disso, teme que isso seja apenas um modismo, que as pessoas mudem suas dietas sem considerar os motivos, para ele, mais importantes. Ele



tinha boa relação com animais desde a infância e só não optou em fazer o curso de Biologia por causa da vivisseção. Pediu emprestado de um amigo o livro *Libertação Animal*, de Peter Singer, segundo ele, após a leitura, ficou bem impressionado e decidiu se tornar vegetariano. Dois anos depois, ele assistiu ao vídeo “A Carne é Fraca”, e isso serviu para fortalecer o que ele já pensava. Acompanhei mais de perto a atuação de alguns deles no coletivo V. E. M (Vegetarianos em Movimento), que é formado por jovens de todas as idades e que não fazem parte do meio *punk / hard core*.

Nem Feijoada, Nem Cervejada: bora fazer uma Verdurada!

As “*Verduradas*” são festas temáticas promovidas pelos SxE em locais onde geralmente acontecem os shows de bandas de *rock*. De uma maneira geral, uma verdurada não difere muito de um show de *rock* de Belém. A primeira experiência de festas desse tipo surgiu em São Paulo, no início da década de 1990. Em Belém, a festa segue o mesmo molde, com algumas poucas modificações: são shows onde se apresentam bandas locais e nacionais; em geral, é antecedido pela exibição de um vídeo-documentário, escolhido pela organização, com vistas a fomentar o debate entre os participantes. Em muitos casos, a pessoa que fomenta a discussão em torno do assunto, é vegetariana ou tem relação direta com a causa animal, mas como o público é variado, as opiniões divergem.

Na divulgação das “*Verduradas*”, uma característica fundamental é a proibição explícita do uso de álcool e cigarros, deixando claro também que isso diz respeito ao uso de outras drogas. Nos folhetos de divulgação (*Fly*, como são chamados) podemos perceber as imagens de animais (fazendo alusão à violência causada pelo homem ao alimentar-se), recomendações de “proibido fumar e beber”; e a relação disso com um divertir-se sem violência. Além disso, no final é servida uma comida vegetariana ao público.



Os Zines na era dos *blogs*: novas ferramentas de comunicação entre os *Straight Edges*

A produção do *fanzine* ou *zine* entre os SxE ou apreciadores do *Hard Core* remonta a década de 1980 quando grandes espaços nos meios de comunicação não eram disponibilizados à juventude. Com o passar dos anos, isso foi se modificando, e com o advento da *internet*, essas ferramentas de difusão de informação perderam um pouco sua importância. Um *zine* é uma espécie de jornal em formato menor, que tem um tema definido - por exemplo: a cena musical de uma cidade- com produção e distribuição caseira, tiragem pequena e feito por um coletivo de pessoas que se interessam pelo tema.

Atualmente, essa produção assume um caráter de resistência e possibilita difundir um pensamento, como é o caso do *Punk / Hard Core*. Em Belém, tive contato com vários *zines* que são produzidos pelos SxE. Grande parte tem como tema central a música *punk/hard core*, além de matérias sobre racismo, sexismo, saúde, boicote às drogas legais e ilegais, consumismo e religião, testes em animais (a chamada *vissecação*), sobre a idéia SxE, além de entrevista com bandas de Belém e de outras cidades do Brasil. Em muitos momentos a condição feminina é colocada em questão e a conduta sexual “correta” é uma das premissas do SxE. A idéia de não praticar sexo “casual ou promíscuo” é, segundo eles, uma resposta à banalização do sexo tão difundida pelas diversas mídias e, conseqüentemente, com certa absorção por parte dos jovens desses valores. Para um SxE, sexo não é algo proibido, mas tem que ser praticado com responsabilidade e seriedade, além da necessidade de um parceiro fixo com sentimentos mais significativos.

Algumas considerações...



Diante do cenário descrito, a idéia SxE assume, em certa medida, uma linha demarcatória entre as juventudes de hoje e as de décadas atrás - não referenciando, é claro, somente os pontos relativos à sua alimentação. O mundo inteiro, hoje, se mobiliza - ou pelo menos acena para isso - para que outro modelo de desenvolvimento seja possível. Tendo em vista que o sistema econômico (ou o homem) tem como prerrogativa, ou pensa ter, o uso indiscriminado dos elementos da natureza (incluindo animais humanos e não-humanos) a seu bel prazer; a idéia SxE se opõe a isso de uma maneira bastante sutil. Certamente as pessoas devem passar despercebidas por esses jovens que de modo algum podem ser chamados de “rebeldes sem causa”. A causa de hoje não é uma, mas plural. A própria ciência vem dizer que este é um padrão insustentável e nos parece um tanto curioso, que apesar disso, a humanidade insista em produzir e consumir objetos, símbolos e alimentos que, legitimem tal sistema.

O status do alimento pode ser modificado e essas transformações em relação ao mesmo, acompanham as mudanças que acontecem no âmbito da própria sociedade imersa nesse contexto. O vegetarianismo entre os SxE é difundido enquanto ética, pela libertação dos animais, do sofrimento que lhes é causado tanto para a alimentação humana quanto para avanço tecnológico (no que diz respeito ao uso de animais como cobaias em testes científicos); do meio ambiente como um todo e da economia. A idéia SxE é, de certa maneira, complacente com os seus adeptos, na medida em que não traz uma receita pronta a ser seguida, pelo contrário, permite que cada um caminhe no seu tempo e possibilidade.

Bibliografia

ABRAMO, Helena W. **Cenas Juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scrita, 1994, 172p.

BRAGA, Vivian. **Cultura Alimentar:** contribuições da Antropologia da alimentação. Saúde em Revista. Piracicaba, Volume 6, n° 13, p.37- 44.



CARNEIRO, Henrique S. **Comida e sociedade:** significados sociais na história da alimentação. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR.

CÉSAR, Ana Cristina. **Escritos no Rio.** Rio de Janeiro: Editora Brasiliense/ UFRJ Editora, 1993. pp 122-134.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** São Paulo: Ed. Perspectiva. 1976. Coleção Debates Antropologia. 232 p.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** Tradução Julio Assis Simões. São Paulo: Estúdio Nobel, 1995. 223 p.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NASCIMENTO, Ione Santos do. **Vegetarianos do Brasil:** consumo x produção de carne. Centro de Desenvolvimento Sustentável - Universidade de Brasília (Unb), Primeiro Semestre de 2008. Acesso em 01/09/08. Disponível em: http://www.unbcds.pro.br/conteudo_arquivo/090708_089C57.pdf

POULAIN, Jean Paul. **O espaço social alimentar:** um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Rev. Nutr.* v.16 n.3 Campinas jul./set. 2003.

RIAL, Carmem Silvia Moraes. **Fast-Foods:** A nostalgia de uma estrutura perdida. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 2, n° 4, p. 94-103 jan./jun. 1996.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SINGER, Paul. **Libertação Animal.** Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2004, 357p.